

**ENTREVISTA AO PROF. DR. ALCIDES  
FERNANDO GUSSI<sup>1</sup> CONCEDIDA A CARLOS  
FREDERICO LUCIO<sup>2</sup> EM DEZEMBRO 2014**

**Fred:** *O que eu começaria perguntando para você discorrer é sobre a importância deste campo de estudos [Antropologia do Capitalismo] para antropologia e para antropólogos. Como que esse grupo de que estamos falando Etnografias [do Capitalismo], na minha opinião, foi abrindo campos pra antropólogos que, na década de 1980 e 1990, eram impensáveis – a não ser nos Estados Unidos que era comum.*

**Alcides:** É verdade. Eu acho que esse campo, cada vez mais eu o vejo como interdisciplinar. Sempre foi a característica do nosso grupo: envolver pessoas de várias áreas do conhecimento. Eu acredito, cada vez mais eu vejo [assim]... Claro, a gente não sai do pensamento disciplinar da antropologia, mas a gente está tráfegando em fronteiras outras para levar a antropologia e constituir um campo novo. Entre a economia, como no teu caso. Entre a ciência política. Por exemplo, no nosso caso - aqui no Ceará, na Universidade Federal do Ceará (UFC), entre as políticas públicas, que temos atuado, a convite de Léa Carvalho Rodrigues, que assumiu a coordenação do Mestrado Profissional

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto III da Universidade Federal do Ceará – Universidade Federal do Ceará e coordenador do Programa Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia Social pela Unicamp. Bacharel licenciado em Filosofia pela PUC-MG. Professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP). Pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa Etnografias do Capitalismo, do Departamento de Antropologia da Unicamp. Atualmente, é professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP).

em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP-UFC) em 2007. No caso do Pedro Jaime [Coelho Junior] e do Maurício Serva da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que abre a interface entre a antropologia a administração. Eu penso que esse campo se abriu com Professor Guilherme Raul Ruben a partir do Programa “Estilos de Antropologia” coordenado por ele e pelo Professor Roberto Cardoso de Oliveira, que deu total apoio à formação do referido Grupo. E eu acredito que, também porque sempre teve uma perspectiva – é claro que foi bastante debatido e tal – de uma “antropologia aplicada”. Se a gente falava de antropologia aplicada, até eu me lembro que tinha, se não me engano era o Evans Pritchard que falava sobre isso e Claude Lévi-Strauss. Lembra que havia toda uma discussão se [O Grupo] reconstruía a ideia da antropologia para fins do colonialismo? E aí toda aquela ideologia colonial que pesava na (história) de uma antropologia aplicada. Eu acho que, vinte anos depois, esse campo da antropologia aplicada está mais aceitável. Ele está interdisciplinar e ele está congregando uma possibilidade de profissionalização do antropólogo em outras áreas, que não a academia também. Eu me lembro que a gente discutia muito o que é a antropologia nos Estados Unidos, porque os antropólogos estão em todos os cantos lá, inclusive no Pentágono. Nas empresas, nas ONGs, na saúde, na educação. Porque lá tem outra ideia de profissionalização. Quando a gente discutia aqui, há vinte anos, o espaço do antropólogo no Brasil era a academia.

**Fred:** *Quando muito uma autarquia, como no caso do pessoal que trabalha com índio.*

**Alcides:** Sim, a FUNAI... Que mais?

**Fred:** *Alguns órgãos do governo que trabalhavam com comunidades tradicionais, alguma coisa assim.*

**Alcides:** Isso. Mas eu acredito que o campo mudou favorável à profissionalização. Primeiro, por uma demanda maior, porque a

academia também não absorve todos os antropólogos. Segundo, porque o próprio contexto político mudou. No meu caso, eu estou trabalhando com políticas públicas. Você não tinha toda essa implementação de políticas públicas como teve a partir dos anos dois mil. No caso dos quilombos, políticas afirmativas, porque elas ficam numa interface entre governo e terceiro setor. Acredito que dá margem pra gente recuperar os estudos que a gente fez e fazia. De antropologia das organizações, de antropologia econômica, de antropologia política. São várias interfaces. Antropologia e instituições. Eu acho que agora, mais do que nunca, dá pra se repensar [o campo de estudos] não apenas do ponto de vista de uma reflexão teórica ou metodológica, mas, inclusive, como prática profissional do antropólogo.

**Fred:** *Emendando um pouco isso, você pode falar um pouco sobre a própria mudança do nome do grupo de pesquisa da Unicamp, de Cultura Empresarial para Etnografias do Capitalismo. Se você percebe que isso tem a ver um pouco com essa dinâmica que você acabou de descrever aí também a ver com a globalização, com a alteração dos campos de pesquisa do antropólogo de maneira geral. Não só mais o antropólogo que estuda comunidades tradicionais, mas o antropólogo que se volta para a própria sociedade- a Antropologia Urbana.*

**Alcides:** Eu acredito que a ideia de Culturas Empresariais foi o início de tudo, foi quando começou. E ela estava muito ancorada nos estudos de identidade que o próprio Guilherme, e também o Roberto Cardoso, fazia na época. Eu lembro que a pergunta que se colocava era “Existe uma cultura empresarial brasileira?”.

**Fred:** *Era o tal “fator Brasil”?*

**Alcides:** Era o tal fator Brasil. Na verdade, essa era uma pergunta onde a gente já sabia a resposta. A resposta é que é evidente que não. A ideia era pensar que as etnografias pudessem discutir realmente que não existe mesmo esse fator Brasil. Existe uma referência a ele e as etnografias iam implodindo mesmo esse fator

Brasil. De fato, as próprias pesquisas que se realizaram na primeira fase do projeto Fapesp<sup>3</sup>... Eu me lembro que era o Banco do Brasil, a Odebrecht, o Banco América do Sul, que faliu e o Guilherme fez, a Zetax e o CPQD da Telebrás. Foram etnografias que acabaram por demonstrar, que implodiam a própria ideia do fator Brasil. Demonstrar que não existe uma identidade nacional reveladora de uma cultura empresarial brasileira. Eu acho que, diante disso, o projeto foi caminhando para pensar a ideia de etnografias do capitalismo para dar conta das interfaces das organizações – eu estou falando com a sociedade, de uma forma mais ampla – porque a gente viu, também, que a fronteira de uma organização é muito tênue para você pensar a cultura organizacional, que é outro tema que a gente implodiu. Há uma cultura organizacional, que vinha da organização? O que é uma organização? Será que dá pra pensar ela fechada em si mesmo, com elementos de uma cultura e identidade bastante essencializadas? E eu lembro que, no final, a gente discutia que não. Para entender identidades e cultura em organizações, era necessário ver como as organizações transitavam entre fronteiras. Entre a sociedade, entre grupos sociais, entre comunidades. E aí começaram a aparecer outros temas, que, de fato, a gente não tinha muita familiaridade, a princípio. No nosso caso, falando do Ceará, a própria ideia de políticas públicas e organizações, a Alicia Ferreira Gonçalves, que vem trabalhando com economia solidária, microfinanças solidárias. Você, Fred, vem trabalhando com quilombos. Estou pensando, assim, mesmo que você tenha recuperado identidades e culturas, você teve que transitar. Você não trabalhou com quilombos como uma organização fechada em si mesmo.

**Fred:** *Não foi uma etnografia tradicional sobre quilombos.*

**Alcides:** Não foi. E aí, eu acredito que a gente tem experimentado, a partir da pesquisa etnográfica, essas etnografias

---

<sup>3</sup> Referência ao projeto.

que eu chamo de mais amplas, que trabalham na interface da organização “nas” fronteiras.

**Fred:** *Acho que esse é o ponto importante dessa trajetória. Abertura para “novas fronteiras”. E aí eu queria que você emendasse um pouco na tua fala como é que você projeta perspectivas futuras para essas linhas de pesquisa que derivaram desse grupo originário lá da Unicamp há quase trinta anos? Como você vê o futuro dessas pesquisas, o desdobramento delas, um pouco do que você falou agora.*

**Alcides:** Tem duas marcas... Eu estou lembrando da última ABA<sup>4</sup>. Tem duas marcas que são muito importantes, que eu acho que a gente deve preservar: primeira, é a perspectiva de se construir etnografias, que foi a marca do grupo. Mesmo que sejam essas etnografias que a gente comentou, entre fronteiras, etc. Eu acho que a grande marca [do Grupo] ... Eu acho que a gente faz discussões teóricas sobre organizações, sobre o próprio capitalismo e organizações no capitalismo, mas eu acredito que descrições etnográficas são muito bem-vindas. Acho que a gente não deve abrir mão [disso]. Temos que recuperar etnografias que foram feitas. Em que medida elas foram, realmente, etnografias densas? Elas podem contribuir para novas etnografias que possam surgir. Segundo, eu vi na última ABA, que a gente sempre pensou contextos. Eu fiquei bastante impressionado porque tivemos [no GT da ABA] um microcosmos de trabalho de várias regiões do país. É como se a gente pensasse que, para pensar etnografias do capitalismo, elas devem ser inseridas dentro de contextos locais. Não pensando o local pelo local. Isso a gente já discutia muito na época. Mas é pensar que, a partir do local, como o capitalismo se forma. Existe uma formação aí, mesmo que seja em referência a um global. Isso a gente sempre trabalhou, Guilherme trabalhava muito a relação nacional e transnacional<sup>5</sup>. Eu acho que esse é o

---

<sup>4</sup> Nota do GT.

<sup>5</sup> Ver Ruben “Empresários e Globalização. Prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação. Disponível em: < <http://www.anpocs>

segundo ponto. Eu estou me lembrando da ABA, que é o que me chamou bastante atenção. Digamos assim, a pesquisa etnográfica e, segundo, a contextualização. Até pra gente pensar que capitalismo é esse. São diversos capitalismos operando.

**Fred:** *Eu acho que esse ponto é um ponto interessante, porque você falou da pluralidade de perspectivas de pesquisa e também da pluralidade regional. Eu acho que mostra um pouco a expansão conceitual e geográfica daquilo que se iniciou há trinta anos.*

**Alcides:** De qualquer forma, era algo restrito ao Sul, ao Centro-Sul.

**Fred:** *Na verdade, mais ao centro. Porque depois acabou indo para o sul com a Lúcia [Helena] Muller, a própria Ana [Maria] Chiarinni.*

**Alcides:** Você tem razão, porque o grupo teve um itinerário. Um itinerário tanto conceitual, mas um itinerário geográfico. Do Sul, para o Rio Grande do Sul, depois para o Espírito Santo, com a Cíntia Ávila de Carvalho. Depois para o Ceará (UFC), agora a Alicia Ferreira Gonçalves na Paraíba (UFPB).

**Fred:** *Outras pesquisas de outros estados. Lembro-me que teve uma época de Minas Gerais, o próprio interior do estado de São Paulo. Quando a Livia Barbosa estava no grupo, lá no Rio de Janeiro, também na Universidade Federal Fluminense (UFF) – foi a nossa primeira ABA como Grupo.*

**Alcides:** Houve uma itinerância geográfica e conceitual.

**Fred:** *Você podia emendar e falar um pouco da sua trajetória? Não só a saída de lá de Campinas (UNICAMP) para o Ceará, para Fortaleza, mas essa passagem pela Espanha- Sevilha e esse diálogo que acabou*

*acontecendo também, possibilitado pela própria liderança do Guilherme [Raul Ruben].*

**Alcides:** Sem falar que houve também um itinerário internacional. Eu me lembro, antes de falar um pouco da minha trajetória, teve com o Canadá uma época com o Jean- François Chanlat da Universidade de Montreal e o Marco [Luiz de Castro]. Mais recentemente, teve Espanha-Sevilha com o pessoal do Pablo Palenzuela. E, também, mais recentemente, com o Pedro Jaime Coelho Júnior, em Lyon.

**Fred:** *E teve o Guilherme na Argentina.*

**Alcides:** Sim. Eu lembro que a gente fez um grupo de trabalho, um GT lá em Posadas na ABA Mercosul com Roberto Abínzano. A gente internacionalizou [O Grupo], também, em um dado momento. Mesmo eu e Alicia, trabalhamos no 54º Congresso Internacional de Americanistas em Viena com Laura Collin do México<sup>6</sup>. E, estaremos novamente no 55º Congresso Internacional de Americanistas em San salvador em 2015. Fomos para Cuba na CONVENCION INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA en La Habana, em 2011.

Sobre minha trajetória. A minha trajetória é representativa desse itinerário do grupo, tanto conceitual quanto geográfico. Eu comecei a minha trajetória nos estudos de identidade, que era uma marca, uma linha de pesquisa do Guilherme [Raúl Ruben] na Unicamp. Você lembra. Tanto eu quanto a Ana Maria Chiarini, o Marco {Luiz de Castro}. A gente compunha uma época trabalhos para discutir nacionalidades e identidades. De uma forma ou de outra, nós começamos a inserir discussões do grupo, trabalhando interfaces entre identidade, cultura e economia nas nossas pesquisas. Posteriormente, eu fui trabalhando, ainda no âmbito

---

<sup>6</sup> [https://ica2012.univie.ac.at/index.php?id=117149&no\\_cache=1&L=20'&tx\\_univietablebrowser\\_pi1\[backpid\]=117148&tx\\_univietablebrowser\\_pi1\[fkey\]=521](https://ica2012.univie.ac.at/index.php?id=117149&no_cache=1&L=20'&tx_univietablebrowser_pi1[backpid]=117148&tx_univietablebrowser_pi1[fkey]=521).

do grupo, com organizações. Eu trabalhei com bancos, trabalhei com cultura no trabalho, trabalhei sempre com identidades, com memória. Quando eu fui para Espanha, houve toda uma aproximação de pensar o que se chama de “culturas do trabalho”, mais do que culturas empresariais. Eu lembro que era uma ideia de pensar, também galgada num conceito de identidade, mas um pouco diferente do que a gente fazia. Na Espanha, eles tinham uma discussão muito ligada a um conceito de identidade mais essencialista. Aí, eu culminei com minha tese de doutorado onde eu implodia conceitualmente a própria ideia de organização. Porque eu trabalhei muito com trajetórias, histórias de vida, trabalhei com Banespa, transição do Banespa no contexto de privatização, trabalhei com trajetórias dos bancários. Foi uma metodologia bastante específica para construir a minha etnografia. Mas que, de certa forma, já dava uma fluidez à própria ideia de organização, do que é organização, de um pensamento e de uma cultura organizacional. Nessa trajetória de itinerância, eu fui para o Ceará (UFC) e fiz um traslado geográfico. E lá [no Ceará], eu comecei a trabalhar com políticas públicas. Mais especificamente, trabalhando com avaliação de políticas públicas, numa tentativa de trazer para o campo de análise e avaliação de políticas públicas o que a gente vinha fazendo com etnografias nas organizações. Hoje, por exemplo, não consigo conceber uma avaliação de políticas públicas sem se fazer uma etnografia das organizações e, sobretudo, das instituições por onde essas políticas públicas transitam. Principalmente, as instituições governamentais. Há que se entender que as políticas públicas, para gente fazer uma análise delas, tem que se pensar nas trajetórias das políticas nas instituições. De fato, são os mesmos pressupostos metodológicos e etnográficos que a gente pensava no grupo alguns anos atrás. De construir etnografias das instituições. Mas agora seriam etnografias das políticas públicas nas instituições. Isso muda um pouco o foco, mas também põe em fronteira a ideia das instituições, que é o que a gente trabalhava. E politiza um pouco o campo, porque traz a ideia de como as instituições mudam com as políticas públicas e, vice-versa, como as políticas públicas também são alteradas nos

contextos institucionais. É mais ou menos por aí que estou parando as minhas discussões. Estou avalizando essas minhas discussões aí, um pouco para pensar uma antropologia das políticas [públicas], [em interfaces entre] uma antropologia das organizações, que, de certa forma, também veio com toda a discussão do grupo.

**Alcides:** Eu me senti muito contemplado na ABA, porque eu estou fazendo isso. Continuo fazendo etnografia nas e das organizações, ao mesmo tempo trazendo interfaces, fronteiras, com outros campos da ciência política, da administração pública e pensando um contexto geográfico. Outro contexto geográfico. Um contexto geográfico do Nordeste. Quando eu falo de políticas públicas, eu estou falando de políticas públicas do e no Ceará. É como se eu tivesse, também, com uma agenda regional. Trazendo uma agenda regional para o grupo, assim como a Alicia lá na Paraíba – na UFPB<sup>7</sup>.

Transcrito por Hector Abdal – Graduando em Ciências Sociais – UFPB.

---

<sup>7</sup> Júnior (2011), *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Editora Cortez.